

MOTTA, LUIZ EDUARDO.
A FAVOR DE ALTHUSSER:
REVOLUÇÃO E RUPTURA NA TEORIA MARXISTA. RIO
DE JANEIRO: GRAMA: FAPERJ, 2014. 164 P.

ALEXANDRE MARINHO PIMENTA¹

Certamente Louis Althusser é uma das figuras mais controversas da filosofia e das teorias social e política do século XX. Argeliano, nascido em 1918, ele teve uma vida que acompanhou os grandes eventos históricos de meados do século passado. Morou na França desde 1930 e ali foi desde prisioneiro dos nazistas, passando por mentor de alguns rebeldes de 1968, até assassino de sua própria esposa em um surto psicótico. Seu nome é geralmente associado (contra sua vontade) ao estruturalismo francês, e sua colaboração mais original foi tentar afastar o nome de Marx do de Hegel, através da operação do corte epistemológico que aprendeu com seu orientador Bachelard, e aproximá-lo a outros nomes surpreendentes como o de Espinosa ou Freud. Mas nunca abandonou a defesa da originalidade da revolução teórica de Marx, sobretudo n'*O Capital*, que inseriu o mouro entre os grandes nomes da ciência. Por isso mesmo, Althusser sugeriu que o marxismo deveria buscar *outra* filosofia e *outra* teoria da história longe das vulgarizações e ecletismos que brotavam à la vontade em seus seguidores. E morreu buscando essa estrada, mesmo no final de sua vida, num hospício, nas páginas de seus últimos escritos sobre o materialismo aleatório, ou do encontro.

¹ Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília. E-mail: alexmpsin@hotmail.com.

O filósofo, comunista e secretário da *École Normale Supérieure* da rua *d'Ulm* também conviveu com uma geração intelectual de grande envergadura e inscreveu seu nome nos anais históricos da *French Theory*. Teve alunos como Derrida, Foucault, Bourdieu, Badiou, Balibar e tantos outros. Lacan, quando ninguém mais o aceitava, começou seus famosos Seminários a convite de Althusser.

No Brasil, Althusser teve uma recepção forte e ao mesmo tempo muito crítica. A intelectualidade marxista no Brasil, à época de suas grandes obras (década de 1960), centrada tanto nas principais instituições acadêmicas (USP) e de pesquisa (CEBRAP) ou na vida partidária (PCB), foi em grande parte adversa à proposta althusseriana e à sua leitura de Marx, por inúmeras razões teóricas e políticas. Se na França o nome de Althusser se tornou uma espécie de trauma, sobretudo após o episódio obscuro do assassinato de sua mulher em 1980, e com a própria degeneração do estruturalismo e do "pensamento 68", aqui Althusser foi um enorme incômodo desde sua chegada. Seu nome era um nome ausente, indizível, e sua presença vingava apenas ora em seus seguidores e alunos mais populares, como Poulantzas, ora em áreas acadêmicas de menor visibilidade, como a educação.

Alguns fatos recentes, no entanto, indicam um surpreendente retorno daquele que já havia sido recalcado no plano da teoria². No Brasil, o livro de Luiz Eduardo Motta, *A favor de Althusser: revolução e ruptura na Teoria Marxista*, lançado do início desse ano merece um enorme destaque nesse contexto. O livro foi recebido com bastante entusiasmo pelos estudiosos de Althusser no Brasil, fato visível na própria edição. O livro de Motta é prefaciado por Carlos Henrique Escobar, histórico

2 Poderíamos dizer algo semelhante em relação ao próprio Marx. A crise de 2008 possibilitou a renovação do interesse pela obra de Marx, dito como morto e enterrado após a chegada da era pós-histórica nos anos 1990. Em 2009, na Alemanha, as editoras venderam quase 5 mil exemplares de *O Capital*. Em 2005, esse número não chegava a mil, como informa reportagem da *Deutsche Welle* de janeiro de 2010. Há também toda uma nova bibliografia e edições sobre a teoria marxista, assim como a ascensão na filosofia do chamado pós-marxismo, que retoma o nome de Marx frente a dilemas contemporâneos.

militante comunista e escritor althusseriano com notório saber pela UFRJ, talvez o principal responsável pela defesa do nome de Althusser no período da ditadura militar. Ganhou orelhas de Márcio Bilharinho Neves, livre docente de sociologia da Unicamp e autor de *Presença de Althusser* (2010), e resumo elogioso de Armando Boito Jr., professor titular da mesma instituição e renomado nome do Cemarx, onde liderou o Grupo de Estudos Althusserianos.

Motta, atualmente professor de ciência política da UFRJ, é um pesquisador que insiste, em suas últimas pesquisas e publicações, na importância do retorno de Althusser às ciências sociais, assim como na vida cultural e política do país em geral. Tem sido um nome presente no GT Marxismo e Ciências Sociais da ANPOCS e também na revista *Crítica Marxista*, onde já havia publicado em 2013, em outro formato, o texto que compõe o segundo capítulo de seu livro.

Poderíamos definir o livro de Motta como uma biografia teórica e política de Althusser, com imersões bem fundamentadas no campo da filosofia, da teoria social, da ciência política, abrangendo assim as principais temáticas de Althusser ao longo de sua obra. A proposta central é apresentar a singularidade e a riqueza do pensamento de Althusser e sua relação, não só com o campo marxista, mas com o campo da filosofia e das ciências sociais em geral. Da mesma forma, e complementarmente, poderíamos defini-lo como um *manifesto anti-anti-althusseriano*. O seu título, *A favor de Althusser*, traz uma clara referência à obra althusseriana de 1965, *Pour Marx*, que no Brasil ganhou duas traduções: *Análise crítica da teoria marxista* (por conta da censura) e só depois *A favor de Marx*. E, assim como o franco-argelino pretendia trazer à tona o legado ainda vivo de Marx das deformações e leituras enviesadas, Motta se esforçou com sucesso em retomar o central da contribuição de Althusser, de forma aberta e não dogmática, frente a todo tipo de vulgarização que este autor sofreu no correr dos anos – provinda, diversas vezes, de autores que desonestamente se basearam apenas em leituras de segunda mão.

O livro é constituído de quatro capítulos. No primeiro capítulo, *Quem (ainda) tem medo de Louis Althusser?*, há uma ênfase na obra e vida de Althusser como um todo, construindo um panorama que vai identificando os principais eixos da reflexão althusseriana, como a dialética e a filosofia marxista. Somado a isso, o autor levanta duas polémicas não só teóricas, mas também políticas que envolvem o nome de Althusser: sobre o humanismo e a figura de Stalin. Mapeia as principais acusações e ataques dos críticos e desconstrói suas fundamentações, retornando sempre que possível a citações do próprio Althusser e a seu objetivo central: fazer um marxismo longe de qualquer filosofia da história.

Pelo título do capítulo, também percebemos uma homenagem confessa e a continuidade direta do artigo de Carlos H. Escobar, *Quem tem medo de Althusser?*, publicado em 1979 e que ganhou recentemente notas e comentário de Motta (2011). Em ambos os textos, vemos uma quantidade impressionante de intelectuais que travaram uma verdadeira guerra em torno das teses althusserianas, seja na filosofia ou nas ciências humanas. Todavia, Motta inventaria os sobreviventes, e o movimento muito variado de retorno a Althusser (com novas publicações, traduções, eventos, estudos), valendo destaques no âmbito acadêmico para os periódicos internacionais *Décalages – an Althusser Studies Journal* (EUA) e a recente *Demarcaciones – Revista Latinoamericana de Estudios Althusserianos* (Chile). Motta (2014, p. 8) chega a afirmar que “se no passado a maior parte dos escritos sobre Althusser tinha forte teor crítico e de oposição, no presente contexto o caminho é inverso”.

No segundo capítulo, *Pluralidade contraditória e sobredeterminação*, se debruça sobre o conceito central de sobredeterminação em Althusser, a influência do pensamento de Mao Tsé-Tung em relação a uma nova dialética para o marxismo – na qual não há as famosas tríades –, e a relevância desse conceito para analisar conjunturas e formações sociais singulares na história. Fica claro após esse capítulo o quanto Althusser se preocupava em afastar o marxismo de esquemas fechados, *a priori*s e teleologias e valorizar elementos da contingência e da complexidade

– primado da contradição frente à estrutura e ao processo (ALTHUSSER apud MOTTA, 2014, p. 60). Para isso, lança mão de sua visão de sociedade como um “todo-complexo-estruturado com dominante”, possuindo múltiplas determinações, instâncias de práticas, autonomias relativas e sob o princípio da causalidade estrutural, oposta às concepções monistas/redutoras no seio do marxismo.

O autor, criticamente, chama a atenção também para a radicalização da contingência presente no último Althusser, aproximando-o do relativismo pós-estruturalista. Vale destacar que esse debate possui bastante espaço na literatura especializada dos últimos anos que, no entanto, não é aprofundado por Motta nessa ocasião – fora um rápido comentário na última parte do terceiro capítulo.

No terceiro capítulo, *Sobre o conceito de ideologia*, faz uma reflexão sobre as famosas teses de Althusser sobre a ideologia. Apresenta uma digressão interessante sobre o histórico do conceito nas mãos de Marx, Lukács e Gramsci, além de seus impactos na teoria pós-marxista do Laclau da fase discursiva (autor argentino infelizmente falecido esse ano). Este capítulo traz um longo histórico do conceito em Althusser, marcando a originalidade de sua teoria da ideologia e suas discordâncias em relação ao legado clássico marxista. Para Althusser, a ideologia não é uma “falsa consciência”, mas uma condição necessária da vida social: é uma relação imaginária do sujeito com suas condições reais de vida; é inconsciente, presente em práticas e discursos institucionais; tem sua própria materialidade e efeito e está inserida na luta de classes. Motta ainda faz questão de criticar as acusações de funcionalismo nessa teoria, que inclui a presença dos AIEs (aparelhos ideológicos de Estado), e ressaltar a influência da psicanálise – sobretudo lacaniana – na construção do sujeito ideológico althusseriano como sujeito descentrado.

No último capítulo, *A respeito da questão da democracia no marxismo*, Motta se encontra mais “em casa”, trazendo uma polêmica fundamental em suas pesquisas sobre teoria política: o marxismo frente à democracia. Novamente Motta lança mão de

uma perspectiva histórica e reconstrói o debate em torno do Estado no marxismo desde o jovem Marx. Chega à conclusão que as contribuições de Althusser e Poulantzas são essenciais à teoria política de viés marxista, e que a defesa do franco-argeliano do conceito de ditadura do proletariado ainda é atual (como hoje defende Slavoj Žižek) principalmente enquanto possibilidade de ultrapassar o nível apenas formal, frágil e classista de democracia presente no Estado capitalista.

O livro de Motta possui uma capacidade de síntese que o eleva a um nível de obra necessária, daqui para frente, para quem quer enfrentar seu medo por Althusser. Poderia ganhar a definição de manual, no bom sentido do termo. Apresenta uma vasta revisão bibliográfica o que também ajuda quem busca fontes mais confiáveis sobre o caso Althusser. Motta com esse lançamento se insere na longa e diversa retomada internacional do franco-argeliano nos últimos anos ao analisar, de forma competente e séria, esse trauma que poderá se converter um dia, quiçá, em ponto de referência, com formatos mais realistas e menos emocionais, para as ciências sociais. Como o próprio Althusser, no título de sua autobiografia, diz: o futuro dura muito tempo³.

3 Frase original de De Gaulle.